

Lula é o preferido do PRN no 2º turno

Análise nacional prevê dificuldade maior com Brizola

BRASÍLIA — Com a vaga no segundo turno garantida, Fernando Collor de Mello agora torce por Lula. Ele está certo de que ganha no embate com o candidato do PT, o que não acredita possa acontecer se o adversário for Brizola. Num exame da situação, estado por estado, os assessores do candidato acreditam que o cacife de Collor aumenta muito na disputa com Lula, mas fica enfraquecido com Brizola. "Teremos dificuldades adicionais", confessa um deles.

Essas dificuldades chamam-se Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, classe média, máquinas estaduais do PMDB (na campanha é dado como certo o apoio dos governadores a Brizola, exceto o de Moreira Franco), e o eleitorado de centro-esquerda. Tudo isso, o pessoal de Collor imagina, estaria ao lado de Brizola. Collor, no entanto, conta com o fato de ter tido um bom desempenho em São Paulo, onde não esperava, mas ganhou.

Rio Grande do Sul — Foi a maior derrota de Collor. Se der Brizola, o desastre será bem maior. Se der Lula, nem tanto. Os estrategistas da campanha entendem que Brizola não teve votos pedetistas, mas sim "votos gauchescos", e por isso não transfere para o PT. A esperança é conquistar o governador Pedro Simon.

Santa Catarina — Ganhou no geral, mas perdeu no oeste do estado, onde há uma zona de colonização gaúcha. Se der Brizola, está perdido. Se for Lula, espera investir na rejeição à esquerda.

Paraná — Também ganhou, mas perdeu onde tem gaúcho, no sudoeste. Ali se espera conquistar os tucanos, através do senador José Richa, que já disse que não apóia Lula. Se der PT, o

apoio do governador Alvaro Dias é quase certo.

São Paulo — A vitória foi a grande surpresa agradável para Collor. Ele acha que no segundo turno pode triplicar seus votos, com Lula ou Brizola. Isso porque o único candidato paulista de esquerda é Lula, e Collor imagina que ficará com o eleitorado de Ulysses, Maluf, Covas e Afif. O governador Orestes Quêrcia tem compromisso com Brizola, mas não quer saber de Lula. É em São Paulo que se concentra o grande empresariado e esse vai com Collor, esquece desconfianças e divergências porque o mais importante será combater a esquerda.

Rio de Janeiro — Perdeu e feio. Ser der Brizola, o Rio é dado como perdido. Só ganham o apoio de Moreira Franco. Com Lula também não esperam ganhar, mas pelo menos acham que dá para empatar o jogo.

Espírito Santo — Ganhou em todos os municípios, sem exceção. Em compensação, não conta, além do casal Gerson e Rita Camata, com lideranças conhecidas nacionalmente.

Bahia — Perdeu em Salvador e ganhou no interior. Vai contar no segundo turno com todo o grupo do ministro Antonio Carlos Magalhães e, caso Lula seja o adversário, serão retomados os contatos com o prefeito de Salvador, Mário Kertsz. Collor cobiça também o eleitorado que, por causa de Waldir Pires, votou em Ulysses Guimarães.

Pernambuco — Ganhou. É um dos poucos estados onde os assessores de Collor acham que a situação do candidato não melhora nada, mesmo que seja Lula o adversário. O PT tem o apoio do governador Miguel Arraes e o vice de Brizola, Fernando Lyra, se tiver poder para comandar votos, não deixará, por questões regionais, que o PDT fique com Collor. Poderá contar com lideranças como o senador Marco Maciel e o líder do PFL na Câmara, Ricardo Fiúza.

Ceará — Ganhou. Farão de tudo para reatar relações com o governador Tasso Jereissati, que por pouco não apoiou Collor no primeiro turno. Os assessores de Collor já sabem que Lúcio Alcântara, que comandou a campanha do PDT no estado, não irá com Lula e já o esperam de braços abertos. No interior, Collor continuará contando com o apoio dos grupos dos coronéis, liderados por Aduino Bezerra.

Maranhão — Ganhou. Ali contou com apoio de forças antagônicas: o senador João Castelo e o governador Epitácio Cafeteira, que resolveu não ser solidário com o amigo José Sarney. O grupo do presidente, cujas articulações no estados são comandadas por Sarney Filho e Ricardo Murad, ameaça apoiar Lula. Se der Brizola, o grupo fica onde já estava.

Rio Grande do Norte — Ganhou. Voltam agora as conversas com o governador Geraldo Mello, que ameaçou apoiar no primeiro turno, mas acabou ficando com Ulysses. O que o esquema de Collor espera conquistar, se Brizola ficar de fora, é a família Maia. Lavoisier Maia já está com Collor. César Maia, do PDT, também é da família.

Pará — Ganhou. Não estão previstas mudanças. O grande cacife é o apoio do Prefeito Said Xerfan, do PTB, o mais votado do Brasil no ano passado. O governador Hélio Gueiros é uma incógnita.

Amazonas — Ganhou. Collor cobiça o prefeito de Manaus, Artur Virgílio Neto, que ficou com Brizola. Deputados próximos ao candidato acham que se a articulação não for rápida, Virgílio fica com Lula. O governador Amazonino Mendes já estava com Collor.

Centro-Oeste — Nos estados de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Tocantins e Goiás, a vitória foi acachapante. Collor ainda espera, se disputar com Lula, aproveitar a rejeição à esquerda na região.